

A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO

THE IMPORTANCE OF LITERACY



ALCIONE ROSA GONÇALVES VOLPI

Graduação Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade Guaianás (2014); Pós-Graduação em Educação Infantil pelo Centro Universitário Braz Cubas (2016); Pós-Graduação em Alfabetização e Letramento pelo Centro Universitário Braz Cubas (2018); Pós-Graduação em Africanidades pelas Faculdades Conectadas Faconnect (2024); Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na EMEF CEU Jambreiro, da Prefeitura Municipal de São Paulo.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apreciar o letramento de uma maneira diferenciada, fazer uso de práticas inovadoras, justamente para criar alunos reflexivos e mais interessados. A questão do letramento é um debate teórico e metodológico contemporâneo no contexto da sociedade do conhecimento. O letramento é um conceito enraizado na alfabetização, consistindo no desenvolvimento de habilidades de uso do sistema convencional de escrita em atividades de leitura e escrita no contexto de práticas sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento; Escrita; Gêneros Literários.

ABSTRACT

This article aims to appreciate literacy in a different way, making use of innovative practices, precisely in order to create reflective and more interested students. The issue of literacy is a contemporary theoretical and methodological debate in the context of the knowledge society. Literacy is a concept rooted in literacy, consisting of the development of skills in using the conventional writing system in reading and writing activities in the context of social practices.

KEYWORDS: Literacy; Writing; Literary Genres.

INTRODUÇÃO

O ensino da Língua tem como objetivo ampliar as possibilidades do uso da linguagem e é por isso que as escolas devem trabalhar com textos que fazem parte da realidade do cotidiano dos educandos. É importante a escola trabalhar com estratégias de produção de gêneros que circulam na comunidade discursiva, preparando assim o aluno para atuar efetivamente na realidade em que vive.

É importante apresentar alguns gêneros textuais aos alunos tais como: bula de remédio, e-mail, fábulas, telefonema, lendas, contos, entre outros, a fim de que eles reconheçam a importância da aquisição do hábito de leitura para ampliar seu conhecimento.

Este artigo tem como objetivo apreciar o letramento de uma maneira diferenciada, bem como, fazer uso de práticas inovadoras, justamente para criar alunos pensantes e mais interessados para a formação contínua do aprendiz. A importância desses novos métodos inclui a necessidade da leitura e escrita como ação essencial da educação. Temos a intenção de:

Aplicar no aluno uma prática que vá da leitura à escrita, dando ao mesmo a capacidade de interpretar gêneros que circulam na sociedade em que vive, tais como: jornais, revistas, livros, quadros e etc. E dar condições de escrever: cartas, bilhetes, redigir um requerimento. Fazendo com que o hábito de leitura e escrita se tornem naturais. Assim, poderemos esperar mais do aluno, porque o mesmo que entende o mundo que o cerca e com ele interage, será um homem consciente e que reconhecerá seu papel na sociedade.

Criar situações para que o aluno entenda que a linguagem é uma forma de interação e que através desse instrumento de comunicação ele poderá expressar seus pensamentos e ideias.

Listar os diferentes gêneros textuais que a ele for apresentado, mostrar que há diferença entre ler e adivinhar, exemplificando que as imagens e os textos precisam ser realmente lidos e não adivinhados, que letramento vai além das aparências ou do simples “gostei” ou “não gostei”.

GÊNEROS TEXTUAIS

Marcos Bagno (2011) afirma que os gêneros textuais quando usados para a finalidade de letramento devem desenvolver no aluno habilidades de uso da língua escrita e falada nas mais diversas situações de comunicação. Portanto, quando se visa elevar o grau de letramento do aluno, torna-se indispensável o uso de gêneros textuais.

Quando se aplica no aluno uma prática que vai da leitura à escrita, dando ao mesmo a capacidade de interpretar gêneros que circulam na sociedade em que vive, tais como: jornais, revistas, livros, quadros e etc. é o mesmo que dar condições de escrever: cartas, bilhetes, redigir um requerimento, fazendo com que leitura e escrita se tornem hábitos. Assim, poderemos esperar

mais do aluno, esperando que ele cumpra seu papel social.

Precisamos considerar a heterogeneidade de textos existentes em nossa sociedade e levar em conta a necessidade de tornar nossos alunos proficientes leitores e produtores de textos.

LETRAMENTO

O letramento (palavra que apareceu pela primeira vez por Mary Kato, 1986) resulta da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita; é o estado ou condição que adquire um grupo social, ou indivíduo, como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais (SOARES, 2005).

O ensino tradicional é um problema nas escolas brasileiras. É preciso inovar o ensino nas instituições para criarmos jovens ativos e pensantes. A aprendizagem da língua deve ter seu sentido no ambiente social, e a prática da leitura e da escrita deve ir além de apenas ler e escrever.

Uma inferência que se pode tirar do conceito de letramento é que um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é ser analfabeto; mas ser, de certa forma letrada.

A criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livro finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que são lidas, está rodeada de materiais escritos e percebe seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta” porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento.

Marcos Bagno, Michael Stubbs e Gilles Gagné (2011) dizem que deveríamos propor um ensino de língua que tenha o objetivo de levar o aluno a adquirir um grau de letramento cada vez mais elevado, isto é, desenvolver nele um conjunto de habilidades e de comportamentos de leitura e de escrita que lhes permitam fazer o maior e mais eficiente uso possível das capacidades técnicas de ler e de escrever.

No ensino tradicional, apenas alguns gêneros textuais são levados em consideração e especificamente os gêneros literários. Mas para que o aluno tenha condições de desenvolver o letramento, devem ser trabalhados tanto os gêneros textuais escritos quanto os gêneros textuais orais.

Por fim, quando os alunos se tornarem cidadãos capazes de se expressar de forma clara e competente, a escola terá cumprido seu objetivo que é letrar e alfabetizar.

Segundo Soares (2007) o professor alfabetizador precisa compreender todas as facetas do processo de alfabetização psicológica cognitivo da psicolinguísticas, sociolinguísticas e linguística assim como os seus condicionantes sociais, políticos e culturais. Para a partir daí elaborar atividades e procedimentos onde se operacionaliza essas diversas facetas.

ALFABETIZAÇÃO

A alfabetização consiste no aprendizado do alfabeto e de sua utilização como código de comunicação.

De um modo mais abrangente, a alfabetização é definida como um processo no qual o indivíduo constrói a gramática e suas variações. Esse processo não se resume apenas na aquisição dessas habilidades mecânicas (codificação e decodificação) do ato de ler, mas na capacidade de interpretar, compreender, criticar, ressignificar e produzir conhecimento. A alfabetização envolve também o desenvolvimento de novas formas de compreensão e uso da linguagem de uma maneira geral. A alfabetização de um indivíduo promove sua socialização, já que possibilita o estabelecimento de novos tipos de trocas simbólicas com outros indivíduos, acesso a bens culturais e a facilidades oferecidas pelas instituições sociais. A alfabetização é um fator propulsor do exercício consciente da cidadania e do desenvolvimento da sociedade como um todo.

No Brasil, por exemplo, é considerado alfabetizado (letrado) aquele que é capaz de localizar, compreender e usar informações fornecidas por diferentes tipos de textos. Em algumas sociedades, saber assinar o nome significa estar alfabetizado, isto porque, há diferentes conceitos de alfabetismo, dependendo das necessidades e condições sociais presentes em determinado momento histórico de um grupo ou cultura.

DIMENSÕES DO APRENDER LER E ESCREVER

Nos dias de hoje, em que as sociedades do mundo inteiro estão cada vez mais centradas na escrita, ser alfabetizado, isto é, saber ler e escrever, tem se revelado condição insuficiente para responder adequadamente às demandas contemporâneas. É preciso ir além da simples aquisição do código escrito, é preciso fazer uso da leitura e da escrita no cotidiano, apropriar-se da função social dessas duas práticas; é preciso letrar-se.

Segundo Soares (2003) foi no contexto das grandes transformações culturais, sociais, políticas, econômicas e tecnológicas que o termo “letramento” surgiu, ampliando o sentido do que tradicionalmente se conhecia por alfabetização. Por isso, aprender a ler e a escrever implica não apenas o conhecimento das letras e do modo de decodificá-las (ou de associá-las), mas a possibilidade de usar esse conhecimento em benefício de formas de expressão e comunicação, possíveis, reconhecidas, necessárias e legítimas em um determinado contexto cultural.

Mais do que expor a oposição entre os conceitos de “alfabetização” e “letramento”, Soares valoriza o impacto qualitativo que este conjunto de práticas sociais representa para o sujeito, extrapolando a dimensão técnica e instrumental do puro domínio do sistema de escrita.

Durante a aprendizagem da escrita, a criança passa por várias fases até chegar à hipótese Alfabética, na qual realiza uma análise sonora da palavra que vai escrever, fazendo corresponder a cada som um caráter escrito. A produção escrita da criança torna-se legível para o adulto, embora

não haja ainda o domínio das regras de ortografia, o que ocorre posteriormente, de forma gradativa e devendo ser estimulado por meio da apresentação de materiais escritos na escola e também na família, já que se trata de uma aquisição cultural, ou seja, que não ocorre apenas internamente na criança.

A apresentação da leitura deve ocorrer o mais cedo possível na vida da criança, através da casa, da família e dos pais, que são os primeiros incentivadores, promovendo a aproximação com a linguagem, desde o momento em que cantam para as crianças, mesmo quando bebês, brincam com eles usando histórias, adivinhações, rimas e expressões folclóricas, ou folheiam livros e revistas buscando figuras conhecidas e perguntando sobre seus nomes.

A leitura, sem dúvida, irá refletir de forma significativa e positiva aumentando o repertório na escrita da criança e do adulto também.

Considera-se, como Paiva et al (2003), que a escola deve ir além dos aspectos práticos da vida, sem deixar de incluí-los. A escola é o espaço de alargar, conhecer e adentrar novos universos, que possam dar outros significados à vida, contribuindo para que se compreenda a realidade de outras maneiras.

A apropriação de tais conhecimentos nos alarga o entendimento da realidade, possibilitando-nos participar da mesma, transformá-la, explorá-la e usufruir da realidade mais amplamente.

Os conhecimentos acima mencionados, construídos no desenvolvimento das diferentes áreas de estudo, caracterizam as sociedades letradas. Desse modo, para sermos considerados letrados precisamos compreender aqueles variados modos de ler o mundo, conhecendo a forma como a linguagem escrita se organiza, apresentando os diferentes conhecimentos de modos diferentes.

ALFABETIZAR LETRANDO POR MEIO DAS HISTÓRIAS INFANTIS

Por meio de leituras realizadas na área de linguagem podemos compreender que a aquisição da mesma deve ser vista num sentido muito mais amplo do que simplesmente o decodificar os sinais gráficos da escrita. Através das histórias infantis, buscando contribuir no processo de aprendizagem de alfabetização e letramento destacando o professor como mediador fundamental na interação da criança com o mundo da fantasia que são as mesmas.

O ato de ler e escrever se fazem essenciais em uma sociedade na qual a escrita é necessária e que nos faz significar mais, em alguns momentos, logo precisamos buscar caminhos mais efetivos para o processo de alfabetização dos indivíduos, um processo que nos desafia enquanto educadores especialmente quanto ao ensino da língua escrita.

Refletindo sobre as necessidades inerentes à nossa ação compreendemos que cabe a nós professores alfabetizadores redimensionar a forma de educar, visando novas metodologias e repensado nossas atividades profissionais.

A contação de história no âmbito da sala de aula é um dos recursos que estão ao alcance

do professor para que possa auxiliar os alunos a se aproximarem do mundo da leitura e da escrita.

Ao pensar na alfabetização no contexto escolar, necessitamos direcionar nosso olhar para as abordagens teóricas que procuram explicar atualmente, a dimensão da alfabetização e do letramento.

Para Tfouni, (2010):

Se a escrita está associada, desde seu surgimento, ao jogo de poder/dominação, participação/exclusão que caracteriza ideologicamente as relações sociais, ela também pode ser associada ao desenvolvimento social, cognitivo e cultural dos povos, assim como as mudanças profundas em seus hábitos comunicativos. (TFOUNI, 2010, p.15).

Podemos entender então, que a alfabetização é o processo pelo qual adquirimos domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever, ou seja, o domínio da tecnologia para exercer a arte e a ciência da escrita. Quando fazemos o uso efetivo e competente dessa tecnologia estamos exercendo o letramento que nesse caso implica habilidade e capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos.

Após leituras de textos escritos por Soares, podemos afirmar que um adulto pode até ser analfabeto, contudo, pode ser letrado. O mesmo acontece com as crianças, pois mesmo antes de entrar em contato com a escolarização, não saibam ainda ler e escrever tem contato com livros, revistas, ouvem histórias lidas por pessoas alfabetizadas, presenciam a prática de leitura ou de escrita e a partir daí, também se interessam por ler. Criando seus próprios textos “lidos”, elas também podem ser consideradas letradas. O letramento presta-se tanto para banir definitivamente as práticas mecânicas de ensino instrumental, como para se repensar a especificidade da alfabetização.

Buscando entender esse novo olhar sobre o alfabetizar devemos repensar o uso dos contos de fadas e histórias infantis na aquisição do código escrito e cultural dos seres humanos. Desde que o homem adquiriu a fala às histórias infantis e contos são utilizados como forma de levar as crianças a adquirirem conhecimento.

Os contos de fada pertencem ao gênero literário mais rico do imaginário popular, pois em qualquer sociedade esses contos servem como soluções para os problemas anteriores do ser humano. Ou seja, a fantasia ajuda a formar a personalidade e por isso não pode faltar a educação. A criança aumenta seu repertório de conhecimento sobre o mundo e transfere para os personagens seus principais dramas. Além disso, foram e são utilizadas para levar as crianças a adquirirem os padrões sociais. Assim, muito mais que divertir esses contos e histórias infantis serviam para instruir

A aprendizagem da criança na escola está fundamentada na leitura na maior e mais significativa consequência do processo de escolarização.

Ao oferecer subsídios aos interessados na leitura e na formação de leitores acredita-se que o desvendamento do processo torna possível o planejamento de ensino adequado, construindo as bases para uma atividade cognitiva, pois a leitura é um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados.

Os vários níveis de conhecimento, que entram em jogo durante a leitura são: importância do conhecimento prévio do leitor, pois é o que dará base ao mesmo para inferir no texto, já que a leitura implica numa atividade de procura por parte do leitor, aspectos que são relevantes para a

compreensão do texto.

É importante contextualizar a leitura na perspectiva educacional, pois ler o mundo é o primeiro passo para querer saber o mundo. Se respeitarmos que existe um sujeito que aprende e não é passivo diante dos conteúdos escolares, este lê mesmo antes da apresentação formal da escrita.

Quando o assunto é leitura, indagamos se está vem sendo trabalhada dentro de um processo lúdico e prazeroso no ambiente escolar. É nesse sentido que a leitura passa a ser no cenário da Alfabetização elemento de preocupação para os educadores.

O papel do educador, portanto, é conhecer a criança e aprofundar seus conhecimentos referentes à questão de leitura. Não existe método para motivar alguém a ler, o que conta é a motivação que o professor utiliza para despertar o estímulo à leitura.

O professor que ousar, ter criatividade, ter coragem de inovar e mudar precisa transformar a sala de aula em um ambiente dinâmico, atraente e capaz de promover de forma mais eficiente possível à aprendizagem da leitura e da escrita. Alfabetizar uma criança é colocá-la em contato com o mundo da escrita e da leitura para que ela possa apropriar – se de significados, construir conhecimentos e se construir como sujeito.

A leitura tem o poder de fazer o aluno entrar no texto e viajar no mundo da fantasia. Nesse sentido, ela pode ser vista, vivida, sentida, falada, ouvida e contada, daí o atual renascimento da fantasia, do imaginário, da magia, do ocultismo...

Ao perceber a leitura como processo é preciso pontuar o que é ler para construir essa relação professor – aluno e texto e neste meio precisamos focar a contribuição das histórias no processo de aquisição da leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização é uma estimativa indispensável para o letramento, pois o aprendizado da leitura e da escrita permite ao sujeito a compreensão de diferentes informações veiculadas. O sistema de escrita tem que estar dentro das práticas sociais letradas, pois está presente nos mais diversos aspectos da sociedade. O educador assume um papel fundamental nessa dinâmica, numa visão sociocultural para entender a diversidade cultural dos educandos em seu meio, e assim realizar um trabalho que instigue a imaginação, a produção através de desenhos, rabiscos, recortes, músicas e diferentes expressões. A pesquisa evidenciou também que a educação do campo na perspectiva do letramento propicia o desenvolvimento de uma visão e ação crítica no mundo.

Ao passo que o letramento é um fenômeno mais complexo e recente. A palavra só surgiu no fim do século XIX. A expressão se tornou necessária para definir novas ideias.

A alfabetização e o letramento são, sem dúvida, fatores de inclusão social, possibilitando aos indivíduos alcançar capacidade de mobilidade econômica.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos; STUBB, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua Materna: letramento, variação e ensino**. Parábola: 2002.

GOMES BATISTA, A. A. RIBAS DA SILVA, C. S.; BREGUNCI, M. G., et al. **Pró-Letramento: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem**. Brasília: Ministério da Educação Secretaria da Educação Básica, 2008.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. 3. reimpor. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. **Novas Práticas de Leitura e Escrita: Letramento na Cibercultura**. In: Educação e Sociedade: Revista de Ciência da Educação. 81- Volume 23 – dezembro 2002.

_____. **Linguagem e escola – Uma perspectiva social**. 17 ed. 9. reimpor. São Paulo: Ática, 2002.

TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização**. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

TFOUNI, L.V. **A dispersão e à deriva na constituição da autoria e suas implicações do letramento**. In: SIGNORINI, I. (Org.) Investigando a relação oral/escrita e as teorias do letramento. Campinas, SP: Mercado das letras, p. 77-94, 2001.